

# Amato vê quebra-deira e pede juro

**São Paulo** — “A situação ficou muito pior”. Esse foi o desabafo do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, depois de mais de duas horas de reunião, ontem na sede da entidade. Durante todo o tempo, os empresários discutiram a alta dos juros no mercado financeiro e seus reflexos sobre a atividade econômica. “Fazemos um apelo para que os juros não subam mais”, disse Amato. “As férias coletivas começam a se ampliar, os estoques das indústrias já se exauriram, há empresas trabalhando com ociosidade de 70% e empresários vendendo propriedade para manter indústrias”.

Foi o cenário mais dramático traçado por Amato nas últimas quatro semanas e a oportunidade em que não poupa críticas à polí-

tica econômica e aos governos Federal, estadual e municipal. “Não podemos continuar arrecadando dinheiro para operar a ineficiência do Estado em suas diferentes esferas”. Segundo ele, durante o encontro a portas fechadas, os empresários foram unânimes em condenar a atual política monetária como instrumento de combate à inflação. “No Brasil isso não funciona”, afirmou. “A saída é o controle dos gastos dos governos. Eles arrecadam muito dinheiro para pagar suas despesas, que não têm contrapartida sobre a produção. Precisamos tirar o peso do Estado de nossas costas”.

O presidente da Fiesp também condenou a volta do controle de preços a alguns setores da economia. Segundo ele, não houve abuso por parte dos empresários. Citando

uma pesquisa feita pela Arthur Andersen, empresa de consultoria, Amato disse que se o controle de preço for mantido e as coisas continuarem como estão, haverá muitas concordatas e quebra-deira de empresas até o final do ano. “O controle de preços é um erro e o resultado das empresas mostra isso”, disse ele. “Todas estão perdendo muito dinheiro e a única forma de reverter essa situação é através dos preços”.

Amato também mandou um recado aos metalúrgicos, que tem no dia 29 a data para iniciar uma greve por melhores salários. “Não vamos poder atender a suas reivindicações. Uma greve agora, quando há empresas em férias coletivas, seria um benefício para as indústrias”.

Terça-feira, 15/10/91

## menor